

## O SENTIDO DE SER MÃE DE CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

Hedlamar Fernandes  
hedlamarf@gmail.com

Hiran Pinel  
hiranpinel@gmail.com

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Acessibilidade

### RESUMO

Este ensaio objetiva descrever compreensivamente uma prática educativa desenvolvida no espaço-tempo domiciliar, por uma mãe que se dispôs a usar como recurso educativo andar a cavalo, junto a uma criança público-alvo da educação especial, que devido a uma doença crônica se tornou cego. O estudo é de cunho fenomenológico (PINEL, 2015; RIBEIRO, 2011, MAY, 1980), pois, busca compreender o ser existente em movimento e transformação, contextualizando suas experiências e as relações. É uma proposta radical colocar-se entre parênteses, suspender todo conhecimento anterior e olhar as coisas a partir delas mesmas (RIBEIRO, 2011). Recorremos às perspectivas teóricas de Leonardo Boff (1999), Paulo Freire (1996) e May (1980), a fim de compreender os “modos de ser” da figura materna diante do cuidado de si e do filho, pois a fenomenologia é uma teoria para o mundo externo, que mira o outro, que não está encerrada em si mesma. A coleta dos dados se deu pela observação, numa prática educacional de andar a cavalo, acompanhada de escuta empática e descrição do sujeito da pesquisa, cavalgado ou tentando subir e cavalgar no animal cavalo por meio de narrativas e descrições, possibilitando à mãe e ao filho o exercício para superação de seus medos e desenvolvimento de novas habilidades. Os resultados apontam que a prática educativa a partir do - andar a cavalo, exige coragem, responsabilidade, ajuda a desenvolver autoconfiança, liderança e criatividade, para superar desafios do dia a dia.

Palavras-chave: Andar a cavalo, mãe e filho, fenomenologia

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Uni-vos, homens de todos os países, formai uma única família! A mãe da vida é a afeição e não o ódio! (GORKI, 2013, p. 123).

O presente ensaio descrever compreensivamente uma prática educativa realizada por uma mãe junto ao filho que se tornou cego devido a uma doença crônica. O cuidado desvelado por essa mãe que também possui uma doença crônica (câncer no útero) torna-se um convite ao leitor para refletir sobre o cuidado de si e do outro compreendendo que as práticas educativas realizadas em domicílio ou fora dele, configuram na mediação com O OUTRO, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço-tempo de vicissitude.

Para que essa prática viesse à tona, a mãe da criança planejou ao seu modo levar o filho a um passeio matinal, utilizando como meio de transporte andar a cavalo. Talvez sem ter ciência disto, a mãe da criança nem se deu conta que estaria contribuindo de modo eficaz para o tratamento de si e do filho cego, além de reduzir o estresse, desenvolvendo o equilíbrio, coordenação motora, a liderança e a autoconfiança.

Boff (1999) já dizia que o cuidado pertence à essência do humano e de tudo o que existe e vive, pois, a liberdade ou a criatividade constituem a essência do ser humano, cuja essência habita no cuidado como uma condição prévia que necessita de ocorrer nas pessoas existentes enquanto ser no mundo e com o mundo irrompendo na existência.

Neste sentido Boff (199) pontua que foi pelo infinito cuidado de nossas mães que nós, sem nenhum órgão especializado, conseguimos viver e sobreviver. Deixados no berço, não saberíamos procurar o sustento necessário e morreríamos. Partindo desta premissa do autor, que o cuidado é a raiz primeira do ser humano, objetivamos descrever uma prática educativa planejada por uma mãe que também possui uma doença crônica, juntamente com o seu filho que possui um quadro clínico grave que o levou à cegueira. Compreendemos que tal atitude desvela cuidado pois, saber

cuidar de si e do outro implica em sentimentos éticos do ser humano para com o meio onde se está inserido, ou seja, o mundo ao seu redor.

Sendo assim, aqui e agora pontuamos a descrição de uma prática educativa de uma mãe, de seus modos de ser diante de seu cotidiano existencial, os quais incluem a prática de um passeio a cavalo, no quintal da sua casa com o filho que necessita de dar continuidade aos estudos devido passar a maior parte do tempo hospitalizado e que não consegue conciliar a doença com a vida social, como passeios, ida à praia, parque de diversão, dentre outras coisas. A descrição do vivido torna-se um convite ao leitor para que se produza uma reflexão sobre os modos de ser mãe de criança com deficiência e que por direito frequenta a escola regular e a classe hospitalar.

Pinel (2015) pontua que,

Tais cidadãos da educação, inseridos na classe hospitalar sob a intervenção de uma professora de Educação Especial, devem ser considerados nas suas singularidades, no seu jeito individual de aprender, exigindo com isso professoras (e ou professores) que ensinem nesse processo vivido “singular-plural”, estando o estudante seja em que espaço-tempo estiver, seja concreto ou simbólico, online ou presencialmente na classe escolar ou hospitalar, ou na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou em sua residência ou em outro lugar educativo escolar e não escolar (p. 08).

Para realizar uma analítica existencial dos dados, adotamos como fundamentos teóricos a psicologia fenomenológico-existencial de Boff (1999) e Paulo Freire (1921) cujos pensadores são existencialistas. Freire e Boff compreendem uma consciência marcada pela afetividade, mas, existencialmente voltada para uma cognição e corpo movido pelo sentimento, valorizando a criticidade da pessoa diante do ser do mundo.

Sob essa linha de pensamento, o mundo vivido desta mãe desvelou-se como um conjunto de relações significativas à sua existência, entre as quais incluímos as dificuldades enfrentadas por ela para se reinventar diante de si e do filho adoentado. Enquanto ser-no-mundo, a mãe do pequeno se confronta com uma variedade de percalços: falta de material didático, dificuldades em conciliar trabalho e assistência doméstica, atendimento demorado no hospital, enfermarias com superlotação, falta de profissionais de braille, demora dos resultados dos exames e baixa autoestima de si e do filho, mas procura transcendê-los sempre que possível, pois, “cada um há de

poder, partindo de sua própria interioridade, reencontrar o ser do outro como transcendência que condiciona o próprio ser desta interioridade” (SARTRE, 2005, p. 316).

Assim Freire (1983) pontua que,

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o "como" de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (p. 87).

O andar a cavalo faz parte da sua prática educativa inventiva e afetiva, uma vez que é uma das atividades mais antigas do ser humano. Provavelmente a criança não apenas monta no animal, cumprindo o objetivo primário da montaria, mas também constrói uma relação de confiança privilegiada, que contribui com as funções vitais e o ajuda a conhecer-se de modo mais profundo.

A mãe do pequeno permite ao filho, por meio do cuidado, realizar um laço de reconexão com a natureza, que faz despontar o que o ser no mundo pode ter de melhor: sua amizade e parceria com os animais. Sendo assim, essa mãe provoca/evoca em si e no filho uma relação mútua, unindo a família, buscando de modo constante soluções criativas, descobrindo novas formas de superar os desafios, mesmo que aparentemente pequenos e insignificantes, uma vez que é um modo de exercitar o cérebro e despertar cada vez mais a sua criatividade.

A existência da mãe da criança é o modo humano de ser, um modo de cuidado, o que pontua a realidade humana é a presença a si, em cada momento do processo de existir. As práticas educativas serão a cada instante, locuções do momento e das circunstâncias atuais e sínteses passageiras que se organizam no processo de aprendizagem, pois, como sinaliza Certeau (1994), a vida sempre escapa e se inventa de mil maneiras não autorizadas, com movimentos táticos e estratégicos.

Como ensinar/aprender exige comprometimento, a prática realizada por essa mãe em domicílio revela o outro da relação educativa, pois, o outro pode/deve, muitas vezes, resistir e não entrar na atividade proposta pela prática educativa. Neste sentido, a

compreensão/enfrentamento dessas resistências, configuram à pedagogia um papel fundamental. Por entre resistência/desistências e insistências, a pedagogia se faz prática e reside entre nós.

Neste mosaico Freire (2015b) pontua que, “outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 96).

Nosso envolvimento com essa mãe revelou novos “modos de ser sendo no ser-junto (e no ser-com) ao outro com mundo” (PINEL, 2015), que nos motivaram a ir à cata dos sentimentos, emoções, desejos, raciocínios, tomadas de decisão, soluções de problemas – dentre outros aspectos “afetivo-cognitivos” que intervieram na subjetividade desta mãe, não só para ajudá-la a criar essa prática educativa, mas que também a constituíram como ser mãe de uma criança com deficiência.

Deste modo May (1988) sinaliza que estar junto significa estar junto no mesmo mundo. O mundo desta criança e desta mãe em particular deve ser percebido de dentro para fora, ser conhecido e visto o máximo possível pelo ângulo daquele que reside neles. Assim, a prática educativa permite um processo de decisão e humanização que ambos vão construindo ao longo de suas existências.

Mãe e filho enquanto seres no mundo e com o mundo se percebem como sujeitos da própria construção dos saberes e fazeres, pois, a mediação não se concentra entre a criança público-alvo da Educação Especial e o conhecimento, por meio da mãe, que atuaria como uma espécie de ponte, mas entre ambos movidos de uma curiosidade epistemológica e o cuidado que os cercam.

Em Boff (1999):

Pelo fato de o ser humano ser portador de cuidado essencial, cria-se a condição para ele sentir-se conscientemente como um ser no-mundo. O cuidado prefigura a existência, o estar voltado para fora e para o outro. Numa palavra, o cuidado é o 'sentido relacional da vida', 'a intencionalidade originária da vida'. É, portanto, mais que uma mera inquietação; é a estrutura originária do Dasein, da existência humana, no tempo e no mundo (p. 20).

Nesse contexto, a questão que serviu como bússola na construção deste ensaio científico é a seguinte: o “que é” e “como é” ser mãe de uma criança público-alvo da Educação Especial, que possui uma doença crônica que lhe causou cegueira e que realiza uma prática educativa em domicílio?

## O PROCESSO FENOMENOLÓGICO DO ESTUDO

A metodologia utilizada neste ensaio científico, a fim de trazer à tona, pela via da compreensão, as vivências do fenômeno, exige do pesquisador um contato com a vivência subjetiva do fenômeno, compreendido como ser no mundo. É necessário um contato significativo com o outro, que chamaremos de “envolvimento existencial”, e que, ao nosso perceber, corresponde à *epoché* husserliana, procurando, de modo não idealizado, a suspensão dos julgamentos e das teorizações a respeito do fenômeno:

May (1980) pontua que,

Fenomenologia é o esforço para considerar o fenômeno como é dado. É esforço disciplinado para aclarar a mente das suposições que tão frequentemente nos levam a ver no indivíduo tão-somente nossas próprias teorias, ou os dogmas de nossos próprios sistemas. É o esforço para experimentar, em vez disso, os fenômenos em sua inteira realidade, abertura e boa vontade para escutar [...] (p. 24-25).

Sendo contexto, o método fenomenológico deste ensaio será o mais apropriado para o desenvolvimento do tipo de estudo que nos propomos a realizar, pois esta é uma abordagem que permite um desvelamento da experiência tal como se manifesta na vivência cotidiana e imediata da professora da classe hospitalar, que está sujeita à facticidade da existência.

Assim, no decorrer desse estudo, o sujeito da pesquisa foi desvelado como um ser no mundo que está sempre em movimento (PINEL, 2015), um ser humano encarnado dentro de uma determinada realidade sociopolítica, histórica e existencial, pois, “o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente” (FREIRE, 2015a, p. 101).

Diante disso, descrevemos a prática pedagógica realizada por esta mãe, o lugar social em que se encontra, que luta constantemente para amenizar o sofrimento de si e do filho e que provavelmente sente na pele as dificuldades enfrentadas em ser mãe de

criança com deficiência, como exclusão do meio social, entre eles a dificuldade em conseguir um emprego, dentre outros fatores que ajudam a “encarnar” aqui e agora a figura materna.

## **O DESVELAR DA PRÁTICA EDUCATIVA NO ESPAÇO-TEMPO DOMICILIAR**

No intuito de compreender a prática educativa realizada pela mãe da criança, torna-se necessário e urgente, primeiramente, compreender em que lugar e tempo o sujeito está situado, para a partir daí, termos condições de acessar uma teoria e empregá-la com sabedoria, pois, “se não tomamos conhecimento desse ‘lugar’, arriscamo-nos a um maltrato da técnica, a um exercício meramente errado [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 13).

Sendo o espaço-tempo domiciliar em que ocorre o ensino-aprendizagem, mãe e filho se entregam ao vivido com ser no mundo e com o mundo, pois, se sentem motivados a se redescobrirem como sujeitos autônomos e afetivos, tendo condições de assumir essa dependência que se encontra encarnada na nossa finitude, tornando-os livres para permitir que caíam as barreiras de preconceito e discriminação.

Assim, o presente estudo se materializou a partir de uma prática educativa realizada em sua residência, num momento em que tanto a mãe quanto a criança se encontram fragilizados, já que o ambiente é pouco utilizado devido às ausências constantes, cujo motivo são as internações. Mãe e filho sofrem na pele o descaso do Estado, seja pelo sucateamento do sistema público de saúde, levado a cabo principalmente a partir de 2016, seja pela má atuação do governo brasileiro.

Nesse sentido, a prática educativa desenvolvida em domicílio é um ato de resistência diante das dificuldades que sofre a mãe da criança, cujo espaço-tempo lhe faltam recursos, anunciando e denunciando a realidade sentida. Assim, não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor” (FREIRE, 2015a, p.89).

Para tanto, a prática educativa em tal ambiente desvela um mundo de possibilidades para ambos, pois ao andar a cavalo os reabilitam da “paralisia” que a enfermidade provoca, e ao mesmo tempo, trata-se de uma prática educativa por uma mãe, isto é, ambos se abrem e compartilham a atividade educativa.

Sob essa égide, compreende-se que a atividade planejada pela figura materna, nos parece movida de intencionalidade, pois, não é transferência de saber de uma autoridade que é dona do conhecimento para uma criança em posição hierárquica inferior, mas um encontro entre sujeitos através do cuidado. O sentido de tal planejamento provavelmente significa uma abertura de querer bem ao aluno, uma abertura que disponibiliza à alegria de viver diante da enfermidade, pois, “somos seres profundamente ecodependentes, portadores de uma carência fundamental que é suprida pelas pessoas, pela cultura e pelos recursos e serviços da natureza” (BOFF, 1999, p. 16).

Nos dias de hoje, a equoterapia é indicada para pessoas com necessidades específicas, enriquecendo seu saber/sentir, estimulando o pensamento no sentido com que percebam melhor suas potencialidades, minimizando suas deficiências e melhorando a integração social. Tal prática educativa é também considerada um método terapêutico e educacional, permitindo colaborar para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

O pontapé inicial da prática educativa se dá quando a mãe da criança após o café da manhã diz: *“Filho, hoje nós iremos andar a cavalo. Você vai ficar parecendo um cavaleiro profissional montado com essa camisa alaranjada que você está usando. Não precisa ficar com medo, pois, a mamãe estará o tempo todo com você, te puxando pelas rédeas, igual uma rainha. Que tal hein menino?”* Enquanto isso, a criança permanece atenta e vai logo se levantando da cadeira dizendo: *“Rá- rá-rá tenho medo não tá, isso é mole pra mim”*.

Ao interagir por meio do cuidado com o pequeno, seu tom de voz, expressão corporal debruçada e atenta, parece-nos que essa mãe procura fazer-se presença na vida do filho, estimulando-o o que se denomina “ser mais”. A figura materna assume sua vocação ontológica, conforme pontifica Freire (2015b), e ela se explicita, no seu ser-junto: *“Filho, segura na mamãe, coloque os pés sobre as minhas mãos e dá uma empinada que você consegue subir rapidinho em cima do cavalo”* (muitos risos). *“Senta direitinho filho e segura essa corda aqui, oh! (ela o faz com cuidado (sorge).*



*“Vou ficar aqui na frente segurando as rédeas, puxando o cavalo e você fica firme sentado aí”.*

A mãe do pequeno começa a puxar a rédeas movida de cuidados dizendo: *“Filho, estamos dando uma volta no quintal todo. Conversa com o cavalo filho, ele está me obedecendo. Você está gostando?”*

Percebe que mãe da criança não vê o filho como um sujeito sem condições de tal realização - que não é mesmo, o que o transformaria em alguém passivo e, conseqüentemente, tornaria o cuidado da figura materna numa ação assistencialista de caridade.

Ela constrói sua condição de ser no mundo e com o mundo, de ser mãe, se estabelece num processo, não apenas a partir de um conhecimento legal, mas permite se envolver conscientemente em ação, em movimento, pois, “o importante é ser existencial” (MAY, 1988, p. 187).

Isso se confirma na declaração seguinte da mãe, feita enquanto ela observava e analisava o corpo ereto do filho em cima do cavalo: *“Como você está se sentindo, hein menino? Eu quero saber de tudo, está bem?”*. Nesse gesto, compreendemos seus modos de ser mãe presente na vida do filho, seu cuidado em proporcionar uma atividade educativa compatível com as limitações da criança.

Nesta senda compreendemos que o filho faz parte da existência da mãe desde o nascimento, como parte constituinte do ser mãe. Provavelmente há uma predisposição ontológica de ser mãe de criança com deficiência. Perdigão (1995) ressalta que,

O outro deve fazer parte de minha consciência desde o nascimento, como parte constituinte do meu Ser. Há uma predisposição ontológica do Para-si para reconhecer o outro enquanto sujeito. Assim, o outro, primeiramente, existe para mim como estrutura do Para-si que sou, seu corpo aparece depois, quando o encontro (p. 138).

Esse processo "experencial" de ser-com a figura materna, aqui-agora mãe da vida, como pontua o poeta, considera o talento da criança e sua disposição em ser no

mundo das crianças cegas que resistem aos preconceitos contra os cegos - e ele enfrenta com inventividade. Ambos possuem uma natureza dialógica, pois, o diálogo torna-se uma condição para a intersubjetividade, pois, discursam da natureza do próprio indivíduo, que só se constituem pelo reconhecimento do outro. Mãe e filho se tornam presença no espaço-tempo vivido, em um movimento rico e complexo, humanizando-se e tomando consciência do mundo em que habitam.

Os seus modos de ser criança cega pontua aí o que a mãe proporcionou: O filho cria uma autotranscendência, vivendo mais com a proposta educativa pensada pela mãe, algo que o faz feliz no ser-com. O menino, por meio do cuidado da figura materna, revela-se enfrentando e solucionando criativamente propostas cognitivas propostas pela Outra de cuidado, que ensina, e o conhecer parece-nos ser movido pela energia do afeto e sua disposição corporal.

Depois disso, a criança se empolgou em cima do cavalo, balançando o corpo, movimentando as rédeas e disse: *“Hurulllll mamãe...eu estou igual o cavaleiro do zodíaco. Vamos rápido pra gente eliminar os inimigos. Saiam da frente inimigos, porque o cavaleiro do Zodíaco vai passar”* (muitos risos). Ele disse demonstrando prazer em ser um cavaleiro do zodíaco, desejando “ser mais”, fazendo movimentos como se estivesse galopando numa velocidade intensa”. *“Nossa, filho! Uau... Como você galopa bem, meu cavaleiro do zodíaco!”*.

Nesta senda é possível sentir que a dimensão do cuidado ético-consciente abarca o cuidado assumido de forma consciente, de modo reflexo, como valor, interiorizado de forma intencional e feito atitude e projeto de vida (BOFF, 1999). A educação deve partir da realidade para compreender a pessoa existente e ser posta a seu trabalho, pois, a prática educativa toma um sentido movido de plenitude quando permite uma relação entre a vida, a voz, e o pensamento da mãe. Parafraseando Deleuze (2006) jamais será possível saber e controlar como alguém aprende.

Na sua narrativa podemos perceber que ela reconhece seu filho como um verdadeiro herói comum, o do cotidiano, um sujeito que resiste, conforme a imagem abaixo (foto do arquivo da autora), tal qual a mãe que o ensina, ambos resistentes contra os

preconceitos aos cegos, e contra a figura materna que insiste em ensinar para aprender, e ambos ensinam-aprendem.



Aqui, o cuidado ajuda a romper padrões estabelecidos, assumindo “o risco necessário para desbravar novas fronteiras” (MAY, 1980, p. 288). O momento de andar a cavalo, nesse caso, é uma prática educativa, como dissemos, transformado na forma de transcender um cotidiano de injustiças e de algumas precariedades do Estado no atendimento público de saúde que oferece aos cidadãos.

O enfrentar este problema se dá através de uma prática educativa permeada de cuidado, pautada em um compromisso com as singularidades e pluralidades do ser que o recebe, levando em consideração toda a realidade em que ambos estão inseridos, de modo que a função da figura materna seja não apenas o de cuidar para restabelecer a estrutura física, mas também contribuir para o restabelecimento afetivo, emocional e das potencialidades pessoais de cada ser no mundo. Ao mesmo tempo, a mãe da criança em nenhum momento se coloca como uma super-heroína, uma “salvadora” que vai resolver todos os problemas do aluno - ela é presença. Só isso e isso é tudo: (pré)sença, que se faz antes de tudo.

Finalmente,

Ser presença humana no mundo tem a especificidade do refletir, da programação, da (trans)formação, uma vez que, “a vida torna-se existência e

o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo” (FREIRE, 2015 b, p. 234).

A prática educativa proposta, nesse sentido, é uma ação de resistência, entendida aqui como manutenção de vínculos mínimos necessários à sobrevivência num ambiente hostil, em que o descaso do Estado brasileiro com a população empobrecida torna-se ainda mais crítica com a falta de recursos pedagógicos.

A superação aqui-agora descrita se aproxima a um transcender o vivido de malogro, mágoa e outros, e que exige do cidadão criar e inventar enfrentamentos, lutas, forças internas, empoderamentos etc., (pró)curando obter algum sucesso (ou sucesso mesmo) nesses duelos de ação. Essas lutas emergem de um herói cotidiano e comum, repetimos. Esse ser comum (com)parece como todo ser no mundo, desvela-se para nós observadores empáticos desse modelar. Aqui-agora não há um "alguém especial deusificado ou que produz piedade, mas, sim com-a-paixão. O ser humano, cheio de altos e baixos é nascido "gente como a gente", mergulhado no ordinário - "modos de ser" encarnados, falhos, saudáveis, ensangüentados, desencantados, revoltados, opositores ao *status quo* estabelecido, tristes uns dias, e alegres nos outros, forças e fragilidades, gritos e silêncios, opondo-se às desumanidades e o gritando ativa e potentemente frente às humanidades benfazejas (PINEL, 2015, p. 32).

## **PALAVRAS FINAIS**

Desvelando o referencial filosófico de Leonardo Boff e dos outros citados neste estudo ao levar em consideração os aspectos ontológicos, epistemológicos e fenomenológicos, compreendemos que o cuidado é concebido como o sentido da existência, que o modo de cuidar, de fazer e de sentir devem ser pautados com o compromisso da interação e do respeito à singularidade e dignidade humana e que o fenômeno do cuidar caracteriza-se como essência da pessoa existente.

May (1988) descreve que a existência se refere ao vir-a-ser a uma contínua transformação e evolução. Com essas palavras, propomos as “considerações finais” deste ensaio científico, que pretendeu descrever compreensivamente uma prática educativa realizada por uma mãe em domicílio junto a uma criança que se tornou cega devido uma doença crônica e que se encontra na maioria do tempo internada.

Nesse redemoinho do existir de ambos, compreendemos que o ser humano existe em movimento, (re)construindo os caminhos que trilharam e sendo construído por eles, um

ser capaz de fazer escolhas dentro de um mundo que é dado e que, nesse processo, tanto modifica quanto é modificado, tornando-se, assim, uma presença no mundo. Assim, o leitor pode ter percebido o fenômeno que pode desvelar os modos de ser mãe, no seu ser-com (e ser-junto) com a criança, seu filho com deficiência visual, um sujeito público-alvo da Educação Especial.

Como este ensaio procurou descrever, torna-se necessário compreender que a educação é um processo de participação, orientado pela construção conjunta do conhecimento entre mãe e filho - e o uso da prática educativa pela mãe destinada a ambos, de um simples passeio matinal, produz uma travessia de ensino-aprendizagem de sentido para ambos, criando uma educação não-escolar. Dessa forma, é possível estimular o desenvolvimento pleno da criança, pois “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo responsabilidades de suas ações” (FREIRE, 2015b, p. 91).

A vida, por si só, produz a única crise real e suficiente; e graças à ênfase existencial no cuidado de ser mãe, essas práticas educativas são construídas e sentidas diretamente visando a prosperidade do outro e de si mesmo. Nesta direção Boff (1999) pontua que, a categoria do cuidado é a chave para que haja “uma relação amorosa, respeitosa e não agressiva para com a realidade e, por isso, não destrutiva” (p. 20).

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes; 1999.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. (a)

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. (b)

\_\_\_\_\_ **Conscientização** São Paulo: Cortez, 1983.

GORKI, Maxim. **A mãe.** Tradução: Sérgio Persky e Augusto de Lacerda. S/c: Zero Papel/ Edições Digitais, 2013.

MAY, Rollo. **Psicologia existencial.** 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1988.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: introdução à filosofia de Sartre.** L&PM. Porto Alegre. 1995

PINEL, Hiran. **A pedagogia hospitalar Brasil-Portugal: esboçando algumas pistas para o entendimento.** In: PINEL, H.; SANT'ANA, A. S. C.; COLODETE, P. R. (org.). Pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial. Teresina: EDUFPI, 2015a, p. 80-83.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceitos de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia – Revisitando o caminho.** São Paulo: Summus, 1997.

SARTRE, J. P. **Diário de uma guerra estranha.** Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2005